

PRÊMIO JATOBÁ

Categoria: Assessoria de Imprensa

Case: Educação Financeira no Brasil – O papel do professor dentro e fora da sala de aula



A AEF-BRASIL



Criada em 2011, a **Associação de Educação Financeira do Brasil** é uma OSCIP idealizada para executar a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. Seu foco é atuar na promoção e no fortalecimento da causa da educação financeira em todo o País.

A AEF-Brasil desenvolve tecnologias educacionais e sociais que visam despertar no cidadão brasileiro um comportamento financeiro saudável e consciente.

A AEF-Brasil desenvolve projetos de educação financeira voltados para crianças e jovens, aposentados e mulheres beneficiadas pelo Bolsa Família.

Mantenedores:

Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF)



MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA
FAZENDA



○ DESAFIO



Durante o período de agosto de 2017 a agosto de 2018, a Trama Comunicação teve como seguintes desafios:

- **Disseminar a causa da Educação Financeira no País** e, assim, ampliar o número de escolas e profissionais do ensino, especialmente da área pública, interessados em aderir à metodologia desenvolvida pela AEF-Brasil;
- **Divulgar as tecnologias sociais gratuitas** da AEF-Brasil, desenvolvidas e testadas em escolas públicas dos ensino fundamental e médio;
- **Destacar a importância do papel do professor** dentro e fora da sala de aula;
- **Disseminar as estratégias e ferramentas da AEF-Brasil** para investir na especialização do professor.

Impulsionador:

Homologação, em 2017, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a inclusão da Educação Financeira entre os temas transversais que devem entrar nos currículos das escolas brasileiras nos próximos anos.



ESTRATÉGIAS

- **Reforçar relacionamento e presença em veículos de TV e impressos da grande imprensa**, com destaque nas editorias de economia e finanças, por conta de sua abrangência;
- **Sugestões de pautas exclusivas** com indicação de personagem para mostrar o impacto dos programas na vida das pessoas;
- **Foco no Projeto “Por Minha Conta”**, plataforma criada pelo jornal O Estado de S. Paulo para jovens e adolescentes que querem aprender a lidar melhor com o dinheiro, objetivando inserir a AEF-Brasil como uma fonte oficial da plataforma.

209

matérias
publicadas

31 impressas

166 online

12 rádio e tv

R\$ 50 milhões

em retorno financeiro à AEF-Brasil

21

entrevistas
concedidas

128M

pessoas
atingidas

RESULTADOS



**POR
MINHA
CONTA**

Após negociação com o veículo, em julho de 2018, a AEF-Brasil foi convidada a participar do **POR MINHA CONTA**, site de Finanças para jovens do Estado de SP. A ação incluiu:

- **Apresentação e bate papo com Claudia Forte**, superintendente da AEF-Brasil, no lançamento do projeto. O encontro sobre a temática da Educação Financeira foi conduzido pela jornalista Renata Cafardo, no auditório do Estadão.
- **Entrevista para a jornalista Renata Cafardo sobre o cenário da Educação Financeira no país**, publicada no dia do lançamento do portal e replicada por mais de 20 veículos.
- **Participação da porta-voz da AEF como consultora para o conteúdo e em entrevistas** sobre como lidar com o dinheiro. Os materiais desenvolvidos pela AEF-Brasil na plataforma também foram compartilhados na plataforma.



Curso ensina quem está no Bolsa Família a economizar

Mulheres que passaram por projeto guardam mais dinheiro, diz pesquisa

Projeto desenvolvido ao longo de 2017 foi direcionado também para aposentados com baixa renda

DE SÃO PAULO

Beneficiárias do Bolsa Família conseguiram triplicar a poupança para enfrentar crises e emergências após projeto de educação financeira desenvolvido pela AEF-Brasil (Associação de Educação Financeira do Brasil), mostra pesquisa obtida pela Folha.

Segundo levantamento, feito com mulheres que passaram por cursos que ensinavam a gerenciar as finanças, o valor médio poupado aumentou de R\$ 12,40 antes das aulas para R\$ 37,10. O projeto foi desenvolvido ao longo do ano passado pela AEF-Brasil com cerca de 3.700 pessoas de 15 municípios. O foco estava no que a associação qualifica como "adultos em condições de vulnerabilidade econômica". Muitas começaram a formar uma poupança por incentivo dos professores. Antes do projeto, só 23% tinham dinheiro guardado para eventualidades. O percentual passou para 38% após as aulas. Elas passaram também a planejar mais o uso dos recursos, mostram os resultados.

Antes, o índice de beneficiárias que pensavam no que fazer com o dinheiro era de 5,8, em uma escala que vai até 10 — agora foi para 6,3. Outro público focado pela AEF foram aposentados de baixa renda. O número dos que se autodeclaravam inadimplentes caiu de 21% para 9% após o projeto. Antes das aulas, 77% diziam estar pagando dívidas — percentual que subiu para 91% depois.

Mesmo sem dívidas, a aposentada Edi Luisa Rezende, 61, conseguiu mudar hábitos com a ajuda das aulas. "Eu achava que, para guardar dinheiro, era preciso juntar muito. Mas, se você esperar chegar um valor alto, não chega nunca. Agora guardo tudo aquilo que posso", diz. O dinheiro está sendo aplicado na poupança do bisneto. "Aprender a economizar

não vem de berço, a gente aprende com a vida", complementa a aposentada.

MAPEAMENTO

Antes de definir como seriam as aulas, a AEF mapeou os temas que poderiam afetar mais os dois públicos.

"Foi um projeto feito com eles. Fomos morar com alunos, entendemos o hábito de consumo e o núcleo familiar antes de desenhar as aulas", afirma Claudia Forte, superintendente da AEF-Brasil. "Você tem um número alarmante de aposentados em condição de superendividamento. Boa parte sofre pressão familiar severa, muitos são o principal provedor da família", ressalta Forte.

Esse mapeamento ajudou a identificar despesas que fazem parte da realidade dessas pessoas, mas que eram desconhecidas pelos pesquisadores.

"Uma das mulheres, durante essa sondagem, levantou e falou que faltava algo, o pagamento do dízimo. Se entraram R\$ 10, muitas tiram R\$ 17", conta Forte. "É um compromisso moral delas." Cada um dos dois grupos recebeu uma atenção diferenciada. Com as mulheres, o objetivo foi de aumentar a autonomia financeira. "Elas não conseguem planejar, sonhar com o futuro, acham que não têm que cuidar do crédito. A gente viu mulheres com mais de 15 cartões de crédito", diz.

Agora em janeiro, cerca de 300 mil mulheres vão receber material para melhorar a forma como lidam com o benefício social, que inclui uma agenda para anotar os gastos e envelopes para guardar os recibos das operações.

Mas essa mudança de hábitos passa por aprender a gastar com consciência, segundo o planejador financeiro Carlos Castro, da Planejamento. "Com o tempo a gente vai conseguir impactar a tomada de decisão sobre consumo, levar informação com cuidado para que esse consumidor possa fazer escolhas no dia a dia", afirma o planejador. "Há uma luz no fim do túnel para que a gente consiga por meio da educação financeira mudar a consciência." (DANIELLE BRANT)

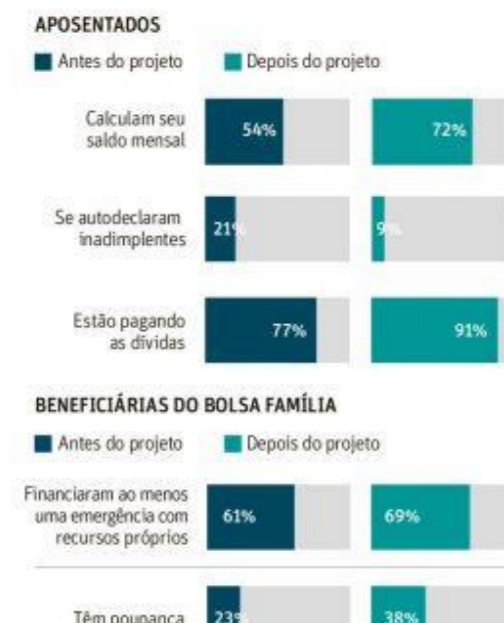


A aposentada Edi Luisa Rezende, 61, que participou de curso para aprender a poupar e a controlar melhor as finanças

EDUCAÇÃO DE RESULTADO

Projeto melhora gestão de recursos de aposentados e beneficiárias do Bolsa Família

O QUE É
O Programa de Educação Financeira para Adultos de Baixa Renda desenvolvido pela AEF-Brasil ofereceu cursos ao longo de 2017 para cerca de 3.700 aposentados e mulheres de 15 cidades pelo Brasil.



Crise não melhorou controle de gastos de brasileiros, diz pesquisa

DE SÃO PAULO

O brasileiro não aprendeu nada com a crise dos últimos anos. Pelo menos financeiramente, afirma Marcela Kawauti, economista-chefe do SPC Brasil, com base em pesquisa feita pelo birô de crédito que mostra que, no ano passado, 8 em cada 10 consumidores não conseguiram fechar as contas do mês somente com o orçamento.

O percentual, de 77%, é alarmante, segundo a especialista. "Mesmo que a gente tenha tido uma crise econômica muito severa, as pessoas não mudam os comportamentos", diz Kawauti.

"Eu tinha a impressão de que a crise ia ter um impacto positivo, que elas iriam colocar a vida financeira como prioridade. Mas ninguém controla gastos. Ou seja, mesmo sem crise, a gente vai continuar com inadimplência alta, crédito com juros altos." Embora cortar as despesas ainda seja uma tarefa difícil, 40% dos entrevistados mudaram os hábitos de consumo, priorizando itens mais

com frustrações de não conseguir comprar tudo o que se quer, mas isso é importante para evitar que consumidor se enrole lá na frente.

A pesquisa mostra ainda que 32% tomaram algum tipo de empréstimo para pagar as contas no ano passado. E que, para 59% dos entrevistados, a maior dificuldade está em fazer o controle do orçamento. "Se houvesse um controle maior dos gastos, uma tomada de crédito melhor, teríamos uma taxa de juros menor e uma inadimplência menor", diz Kawauti.

DESCONTROLE

De acordo com o levantamento, 45% não fazem controle do orçamento. Dentro desse grupo, muitos dizem não ter essa preocupação porque fazem as contas de cabeça (27,4%).

"Fazer conta de cabeça não funciona, a gente não lembra nem o que almoçou ontem, ainda mais quanto gastou. Precisa formalizar o controle, seja num aplicativo, seja na planilha, seja na caderneta. A conta de cabeça não é a

Educação financeira é algo que se aprende na escola

Tema já faz parte da base curricular e pode permear várias disciplinas

ANA PAULA RIBEIRO
ana.ribeiro@sp.oglobo.com.br

SÃO PAULO— Sofia Gonçalves, de 16 anos, trabalha em um bufê infantil nos fins de semana. Por evento, ela ganha cerca de R\$ 40. Mas, antes de começar a gastar esse dinheiro, ela primeiro guardou o equivalente a dois fins de semana de trabalho. Nas aulas de educação financeira que recebe na escola pública que frequenta, a adolescente aprendeu a importância de se manter uma reserva de emergência.

— Aprendo a lidar com o dinheiro, e isso me ajuda. Algumas coisas que vejo nas aulas acabo levando para casa — conta Sofia. — O dinheiro das festas eu não saio gastando. Sempre penso antes no que realmente quero.

Na avaliação de educadores, o exemplo dos conceitos de educação financeira deveria vir dos pais. Mas, como, na maior parte das vezes, não é isso o que ocorre, as escolas, inclusive as públicas, adotam conteúdos relacionados ao tema nas mais diferentes disciplinas. A ideia é que as crianças de hoje, ao chegarem à vida adulta, saibam manter o orçamento sob controle e poupar para projetos futuros. E, dessa forma, escapar de dívidas intermináveis — no

Brasil há cerca de 60 milhões de inadimplentes, sendo boa parte dos casos resultado do descontrole financeiro.

Para ressaltar a importância do tema, governo e setor privado criaram a Semana Nacional de Educação Financeira. A quinta edição do evento será entre 14 e 20 de maio deste ano.

Uma das iniciativas para criar uma base de cultura financeira nas crianças e adolescentes vem da ONG Junior Achievement. A ideia é que os voluntários da organização levem conhecimentos de educação e gestão financeira para 34 mil alunos em todo o país, que recebem conteúdo de acordo com a faixa etária. No Ensino Médio, por exemplo, são abordados temas como juros compostos e investimentos, inclusive com estudos de caso em sala de aula.

'ALGO PARA A VIDA TODA'

Nas aulas para o Ensino Médio, os adolescentes recebem um livro de atividades. Na primeira parte do curso, eles aprendem conceitos teóricos como juros, inflação e o uso correto do cartão de crédito. A segunda parte é dedicada a exercícios em grupo, nos quais os jovens discutem que decisão tomariam em situações hipotéticas, como pagar um curso de intercâmbio ou aplicar o dinheiro em ações de

tecnologia que estão com tendência de alta.

A diretora-superintendente da ONG, Bety Tichauer, afirma que, além de preparar os cidadãos do futuro, as aulas estimulam as crianças a levarem esse conhecimento para dentro de suas casas, atuando como multiplicadores e fazendo com que os pais fiquem mais atentos à gestão do orçamento familiar.

— Nosso foco é a preparação para o mercado de trabalho, mas educação financeira é algo que vai ser usado a vida toda. Mostramos como avaliar o dinheiro e não ser seduzido por situações que só trazem ganhos de curto prazo, além da necessidade de se planejar — explica Bety.

No caso do Ensino Fundamental, a educação financeira passou a fazer parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) este ano. Na prática, isso significa que os mais de cinco mil municípios do país já começaram a discutir como incluir o tema nas disciplinas de forma integrada, ou seja, parte desse conteúdo pode estar presente nas aulas de matemática, mas também nas de ciências naturais. A etapa seguinte, em 2019, é levar esses conceitos para a sala de aula.

A adesão não é obrigatória, mas Claudia Forte, diretora-

superintendente da Associação da Educação Financeira (AEF-Brasil), acredita que será grande, até porque há um volume elevado de material gratuito e já testado que pode ser utilizado. A AEF também estimula o treinamento de professores para que eles trabalhem melhor com esses materiais.

— O que vemos é que, quanto mais cedo começar a educação financeira, melhor. E esta deve ser feita de acordo com as particularidades encontradas em cada região do país. Não pode haver um formato engessado — afirma Claudia.

As crianças, explica-se o que é o consumo consciente e fala-se da possibilidade de escassez de recursos, como água ou energia. Logo depois, são introduzidos temas como juros e não gastar mais do que se tem. Só no Ensino Médio são apresentados tópicos mais amplos, como investimentos.

ESTÍMULO AO CONSUMO É FORTE

Carlos Eduardo Costa, responsável pela educação financeira da Associação Brasileira de Educação Financeira (ABEF), diz que os pais devem ser estimulados a fazer algumas renúncias



Visão de futuro. Sofia: "Sempre penso antes no que realmente quero"

ra das decisões de consumo das famílias. Hoje, isso não é mais possível. Os estímulos para o consumo são muito grandes, então é importante ela ter o conhecimento sobre o tema desde

aos poucos na vida das crianças, para que elas desenvolvessem maturidade para entender o valor do dinheiro e os ganhos que podem ser obtidos ao fazer algumas renúncias.

O Globo – Abril/2018
A Educação Financeira e a Nova BNCC

Folha de S. Paulo – Janeiro/2018
Programa de Educação Financeira para Adultos

C10 Valor Sábado, domingo e segunda-feira, 12, 13 e 14 de maio de 2018

Finanças

Finanças pessoais Desde início do ano, tema passou a compor conteúdo de disciplinas em todo o Brasil

Educação financeira entra em nova fase no currículo escolar

Adriana Cotias De São Paulo

No alto dos seus 15 anos, Maria Luiza da Costa Tavorali, apresenta o orçamento familiar aos colegas de classe. Parte de uma renda fictícia de R\$ 25 mil, conforme proposta no exercício, para listar despesas da casa, como conta de luz, água, impostos e alimentação, bem como os gastos com transporte, saúde e mensalidade escolar.

"Eu achava que água e luz fossem mais caros e o que me impressionou foi o [custo do] IPTU e do seguro saúde, pois meus pais também ajudam meus avós", comenta. Questionada sobre que despesas sugeriria cortar numa situação de aperto, ela cita concertos, teatros ou as idas ao cinema, sem pestanejar. "Se não sobra dinheiro, tem que tirar o que não é essencial. Eu posso não ir ao cinema e assistir aos filmes que têm no Netflix."

Ter uma visão ampla dos hábitos de consumo é importante para ajudar a família em momentos mais difíceis, diz a colega de classe Marcela Correa Maldonado. "Assim, podemos fazer melhor quando estivermos mais velhos."

Já Luiz Eduardo Sampaio Góes Costa, de 15 anos, conta que sua consciência financeira vem do incentivo que vem de casa de não fazer gastos exagerados, saber que cada coisa tem um preço e que "se você sempre estiver no limite, quando precisar para uma emergência não vai ter o dinheiro", diz. Com a mesada que recebe há cinco anos, ele sabe desde cedo que se quiser comprar um jogo eletrônico, por exemplo, vai ter que poupar antes de comprar o almejado "game".

Tais reflexões ocorrem após os alunos participarem de mais uma aula de "Economics" do professor Raymond Pike, no Colégio Franciscano Pio XII, localizado no bairro do Morumbi, zona sul de São Paulo. A disciplina, toda em inglês, faz parte da programação para alunos do "High School", num convênio com a Universidade do Missouri, em Columbia (EUA). Após o ciclo de três anos, os alunos recebem dois certificados, conta a coordenadora Heloisa Parciasepe. Em Economics, os princípios de educação financeira, já contemplados no ensino fundamental para alunos do sexto ao oitavo ano, recebem uma nova abordagem.

Na aula acompanhada pela reportagem, Pike parte das contas públicas dos Estados Unidos e da definição de bens públicos e pri-

vados para depois fazer relações com o orçamento doméstico. Quantifica os gastos federais do governo americano para falar de política fiscal, impostos e do peso da seguridade social e da saúde no bolso. É como o país mais gastado que arrecada, o conceito de endividamento com emissão de títulos, pagando juros aos investidores como contrapartida, também compõe o tema do dia, em comparações com a realidade brasileira. "No começo, eles achavam que isso tudo não tinha a ver com a vida deles, mas aos poucos entendem que uma hora vão começar a pagar impostos e vai ter impacto", diz o professor.

É um conteúdo complexo para pessoas tão jovens, mas é assim que se constrói o repertório do dinheiro. "Quando se olha as melhores práticas lá fora, a literatura sugere que as primeiras idades são fundamentais para preparar o cidadão do ponto de vista da educação financeira", diz Fábio Henrique de Sousa Coelho, diretor-superintendente da Previc e atual presidente do Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef).

Desde o início do calendário escolar deste ano, as instituições de ensino brasileiras começaram a se adequar à nova diretriz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que classificou a educação financeira como habilidade prioritária para crianças e jovens dos ciclos médio e fundamental. Pelas dimensões continentais do país, Coelho diz que vai levar algum tempo para que a iniciativa esteja amplamente disseminada, mas entende que esse não deixa de ser um marco.

Um dado que chama a atenção na pesquisa é que, no conjunto das unidades da federação, só 30% dos professores que

mapeamento feito pela Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), entre as iniciativas reportadas em escolas, 78% estão em instituições públicas, com o conteúdo incluído de forma transversal, ou seja, em mais de uma disciplina, na grade. Matemática (82%), língua portuguesa (49%), história (42%) e geografia (40%) é que lideram a abordagem.

Realizada pela Plano CDE entre fevereiro e março, uma base de 323 escolas, secretarias e professores responderam à pesquisa. Em 80% dos casos, o conteúdo é efetivo para mais da metade dos alunos. Uma fatia de 56% conta com apoio das secretarias de educação estaduais, mas essa estatística é inflada pelo Tocantins, que responde por 69% das iniciativas. Em contrapartida, no Rio Grande do Sul não há nenhum suporte do Estado ou das secretarias municipais às ações de educação financeira reportadas.

O Tocantins fez parte do projeto piloto. Lá houve o envolvimento da secretaria do Estado que se mostrou presente no desenho pedagógico e fez investimentos em material didático, puxando a estatística da região Norte para cima, diz Cláudia Forte, superintendente da AEF-Brasil. "Onde a semente foi plantada, ela frutificou. O Tocantins é o Estado que tem o ensino de educação financeira universalizado, em todas as escolas públicas."

Conforme relata, não é incomum encontrar certa resistência para o tema, pois alguns entes consideram haver questões mais urgentes para encaminhar, como deficiências de infraestrutura em instituições de ensino do Amazonas, onde faltam até banheiros, ou a violência sexual em algumas cidades do Pará. E com muitos professores da rede pública mal remunerados e endividados, eles também não se sentem capazes de ser os porta-vozes do assunto.

Essas atividades, desenvolvidas pelo Bank of America Merrill Lynch, com apoio de profissionais da área de ensino e especialistas em técnicas de jogos, fizeram parte de um piloto iniciado em meados de 2017 em 90 escolas dos municípios de Pindoretama, Beberibe e Cascavel, na região metropolitana de Fortaleza. O projeto, implementado pela United Way e o Instituto Brasil Solidário, beneficia cerca de 20 mil crianças e agora chega a 19 escolas da rede pública de ensino em São Paulo.



Pike, professor de "Economics", do Colégio Pio XII: noções de contas públicas antes de chegar ao orçamento familiar

Jogos apoiam estratégias nas escolas

De São Paulo

"Escolha um dos produtos selecionados e pague agora", ou "guarde esta carta e ganhe R\$ 3 [luz, água, gás] no fim do jogo". É durante um piquenique num tabuleiro colorido que pequenos consumidores, entre 6 e 10 anos, têm que decidir o que comprar para levar ao passeio. Entre as opções estão guloseimas como bolachas recheadas, pastel, refrigerante ou banana, mais barata do que o chocolate. Vence quem tiver a maior sobra de dinheiro no bolso ao término das jogadas.

Já nas cartas de baralho do "Bom Negócio", a brincadeira envolve estratégias para multiplicar o capital por meio da compra e venda de bens, em disputas de crianças de 10 a 14 anos. O item mais caro é o videogame e quem se apegar ao produto dos sonhos de muitos meninos e meninas, fatalmente chegará ao fim do jogo com um valor menor no bolso e não vai sair vencedor.

Essas atividades, desenvolvidas pelo Bank of America Merrill Lynch, com apoio de profissionais da área de ensino e especialistas em técnicas de jogos, fizeram parte de um piloto iniciado em meados de 2017 em 90 escolas dos municípios de Pindoretama, Beberibe e Cascavel, na região metropolitana de Fortaleza. O projeto, implementado pela United Way e o Instituto Brasil Solidário, beneficia cerca de 20 mil crianças e agora chega a 19 escolas da rede pública de ensino em São Paulo.

A maior parte das iniciativas,

por um de controle, que não recebeu o projeto, outro que teve acesso aos jogos de educação financeira, e um terceiro que combinou tabuleiros e baralhos com a formação dos educadores. Uma proporção de 77% das escolas que receberam os jogos, ou os jogos casados com treinamento melhoraram o seu índice de educação financeira. A percepção do presidente do Instituto Brasil Solidário, Luis Salvo, é que os resultados extrapolaram a proposta inicial, com temas como a diversidade e origem histórica e regional dos alimentos levados para a aula de geografia. Ou a relação de compra e venda, margem de lucro e promoções tratadas num encontro com familiares. "É a grande expectativa de como um jogo físico seria recebido pelas novas gerações, muitos nunca tinham visto um tabuleiro, não conheciam o hábito de jogar e quem conhecia trouxe o mundo virtual", diz. "O olho no olho ajudou a estabelecer as bases de negociação, de compreensão e também auxiliou no desenvolvimento de habilidades de diálogos e cooperação."

Para se valer do apelo lúdico e aproveitar a afinidade das crianças com a tecnologia, na Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef) serão jogos digitais que vão compor o currículo, diz a superintendente da AEF-Brasil, Cláudia Forte. Cini mini games vão trabalhar temas como consumo, sustentabilidade, planejamento financeiro, crédito e inflação. A criança poderá criar seu avatar e será desafiada a

desenvolver essa habilidade de administrar a vida financeira do aluno dentro da inteligência emocional", diz a professora Patrícia Prado, responsável pela Prevenção e Cidadania. No Colégio Stance Dual, a educação financeira virou te-

O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2018 | Metrópole | A17

'Economia escolar'

EDUCAÇÃO FINANCEIRA SE APRENDE NO COLÉGIO

Novidade da Base Nacional Comum Curricular já está presente em colégios particulares de SP

ESTADÃO • edu

Quando estava no 8º ano do ensino fundamental, em 2017, André Moraes começou a pensar no dinheiro de um jeito diferente. Ele lembra que, em uma feira cultural na escola, sua professora fez uma apresentação para mostrar a semelhança entre um reservatório hídrico e a sua conta bancária: água e dinheiro são escassos, e chegam ao fim em caso de uso irresponsável. Ele diz que a metáfora o ajudou a mudar seu comportamento. Depois disso, tem evitado a crise hídrica e a financeira.

"Foi uma experiência bem legal, ajudou até a construir parâmetros para o que eu posso gastar, como eu tenho de guardar o dinheiro, poupar, como funciona um banco, como funcionam os gastos", conta André, que também teve aulas de uma disciplina extracurricular que trata do assunto, chamada Prevenção e Cidadania Como Consequência. Ele tem se planeja-

do mais para fazer compras e a gestão dos gastos virou assunto mais frequente na conversa com seu pai. "A aula me ajudou bastante a criar argumentos para conversar sobre isso, e fez com que o assunto fosse mais tratado nessas conversas."

Uma das novidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação financeira será um dos temas transversais do novo ensino fundamental. Antes associado só às aulas de Matemática, o assunto agora será cada vez mais abordado em diferentes disciplinas e usado em projetos fora da sala de aula.

Alguns colégios têm se adiantado à reforma curricular e incluído o conceito tanto em disciplinas obrigatórias quanto em projetos extracurriculares. No Colégio Pio XII, na zona oeste da capital paulista, André e mais 400 alunos do 6.º ao 9.º ano aprendem desde o planejamento de um orçamento familiar até dicas de empreendedorismo. A escola já oferecia o tema em aulas no 2.º ano do médio, restritas à Matemática.

No ano passado, coordenadores do Fundamental 2 resolveram introduzir o tema, de maneira interdisciplinar, com o suporte a BNCC. "A gente queria



Exercício. Alunos do 6º ano do Colégio Pio XII fazem sua primeira atividade em um projeto de educação financeira

INTERDISCIPLINAR

Escolas já têm experimentado como incluir a educação financeira em aulas que vão além da Matemática. Para educadores ouvimos pelo Estado, a interdisciplinaridade contribui para que os alunos reconheçam o conceito em seu dia a dia.

● **História** Na área de Humanas, aulas sobre o surgimento da moeda, a função do dinheiro na sociedade

e hábitos de consumo em diferentes momentos da civilização, por exemplo, podem servir para introduzir o assunto.

● **Geografia** O tema pode ser apresentado com explicação de assuntos de atualidades, como a globalização de mercados, fluxo de mercadorias, balanças comerciais, e até novidades como a economia compartilhada.

● **Projetos** A BNCC também estimula a criação de projetos extracurriculares que sirvam para desenvolver habilidades socioemocionais e reforçar a conexão entre o ensino e a realidade do aluno. Nesses projetos, que não são necessariamente vinculados a nenhuma disciplina, é possível desenvolver atividades como a simulação de compra e venda, feiras de troca e oficinas de empreendedorismo.

maturidade (do estudante)", diz o professor Thiago Pereira.

● **Públicas.** A implementação da educação financeira nas redes estaduais de ensino deve ocorrer até 2020, com os novos projetos pedagógicos com base na BNCC. Uma das instituições preocupadas com o processo é a Associação de Educação Financeira (AEF-Brasil), que defendeu a inclusão do tema de maneira transversal, em disciplinas específicas. Segundo a superintendente da entidade,

desenvolver essa habilidade de administrar a vida financeira do aluno dentro da inteligência emocional", diz a professora Patrícia Prado, responsável pela Prevenção e Cidadania. No Colégio Stance Dual, a educação financeira virou te-

O Estado de SP – Abril/2018
A Educação Financeira e a Nova BNCC

Valor Econômico – Maio/2018
A Educação Financeira e a Nova BNCC

RESULTADOS



GloboNews – Edição das Dez
Abril/2018

Semana ENEF – temporada
promove ações gratuitas em todo
o país